

mercado

Pandemia faz país atingir menor nível de ocupação em quase 30 anos

47% da população em idade de trabalhar está em atividade; pretos, pardos e mulheres são mais afetados

Diego Garcia

RIO DE JANEIRO A pandemia da Covid-19 aniquilou o mercado de trabalho brasileiro em 2020, a ponto de fazer o nível de ocupação — taxa que calcula a proporção de pessoas ocupadas dentro da população em idade de trabalhar — despencar e alcançar o menor patamar em 28 anos, de 46,8%.

O nível de ocupação é o pior desde 1992, quando tem início a série histórica organizada pela IDados. A consultoria traçou uma linha do tempo retroagindo dados da atual Pnad Contínua, da antiga Pnad e também da extinta Pesquisa Mensal de Emprego, todas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A compilação coube aos economistas Bruno Ottoni e Tiago Barreira.

De acordo com Ottoni, fica bem claro que a pandemia teve uma influência na queda abrupta do índice nos últimos meses.

“Uma das consequências da pandemia foi derrubar a população ocupada, pois perdemos muitos empregos no período”, disse o economista.

Em um ano, foram 12 milhões de postos de trabalho a menos, segundo dados mais recentes da Pnad, do trimestre encerrado em agosto. O dado contempla os mercados formal e informal e considera tanto empregados quanto empregadores, além daqueles que atuam por conta própria.

Com a queima de empregos, o nível de ocupação ficou em 46,8%, bem longe do pico da série, em novembro de 1992, quando o indicador marcou 60,1%. Ou seja, hoje, de cada 100 brasileiros em idade de trabalhar (14 anos ou mais, pela metodologia do IBGE), apenas 47 estão de fato trabalhando, ante 60 há 28 anos.

Além disso, o país já vinha enfrentando tendência de queda no número de pessoas ocupadas por uma questão demográfica, com aumento das pessoas em idade de trabalhar, já que a população foi envelhecendo e o Brasil não gerou empregos no mesmo ritmo.

“O tamanho da população em idade de trabalhar mudou com o tempo”, disse Ottoni. Ele ponderou também preocupação com o atual nível de ocupação. “A situação é grave.”

Rodolpho Tobler, do FGV-Ibre, lembrou que o país ainda nem sequer havia recuperado as perdas causadas pela recessão de 2015/16. Em dezembro de 2014, antes da crise econômica, o Brasil tinha nível de ocupação de 56,9%, chegando a 53,1% em março de 2017, o mínimo até então.

Influenciado pela alta da informalidade a partir daí, o país foi recuperando o mercado de trabalho, mesmo que com empregos mais precários. Em novembro e dezembro de 2019, atingiu o maior patamar de ocupação pós-recessão, de 55,1%.

A partir daí, a pandemia começou pelo mundo e o índice só despencou, mais uma vez puxado pela informalidade, setor mais prejudicado por ser muito ligado a serviços, que foram afetados pelas medidas de distanciamento social.

Em maio, pela primeira vez na história o nível de ocupação ficou abaixo dos 50%.

“Isso significa que menos da metade da população em idade de trabalhar está trabalhando. Isso nunca havia ocorrido na Pnad Contínua”, disse Adriana Beringuy, analista da pesquisa do IBGE.

Beringuy destaca que a redução inédita na pesquisa foi puxada principalmente pelos trabalhadores informais, que eram 5,8 milhões dos 7,8 milhões de pessoas que perde-

ram o emprego no trimestre encerrado em maio.

Por causa desse corte, a taxa de informalidade despencou de 40,6% para 37,6%, a menor desde que o indicador passou a ser produzido, em 2016.

E a crise do coronavírus não atingiu só os informais. Na análise por gênero, cor ou raça, é possível ver que populações de mulheres, pessoas pretas ou pardas foram proporcionalmente mais afetadas.

Entre os homens, a redução no nível de ocupação foi de 6,7 pontos percentuais, de 64,3% para 57,6% entre os segundos trimestres de 2019 e 2020.

No mesmo período, as mulheres, que já eram bem menos representadas no mercado de trabalho, sofreram queda de 45,9% para 39,4%, ou 6,5 pontos percentuais.

Entre os brancos, a retração no mesmo período foi de 6,2 pontos percentuais, caindo de 57% para 50,8%. Para a população preta, a redução foi de 7,8 pontos, de 55,7% para 47,9%, enquanto os pardos perderam 7,1 pontos, reduzindo de 52,2% a 45,1%.

Tobler explicou que a pandemia atingiu especialmente os informais, que são trabalhadores com produtividade e salário mais baixos, segmento em que se encontram mais pretos e pardos por um caráter estrutural, que acabaram sendo os que mais sofreram com a redução de empregos.

“Isso é preocupante, porque a gente vinha em um caminho lento de redução de desigualdade, que a pandemia acabou acentuando. Vemos uma desigualdade maior ainda entre as pessoas de cargos mais altos”, afirmou o economista.

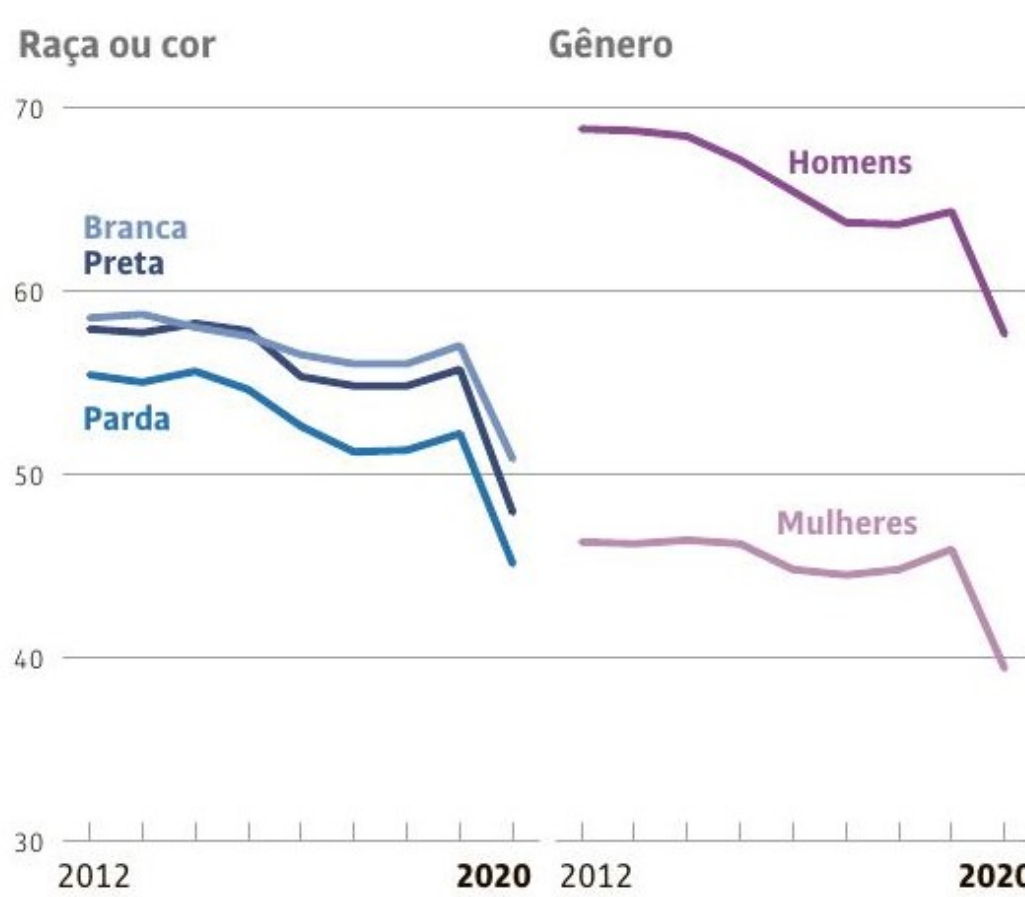
Otto Nogami, economista do Insper, lembrou que a pandemia alterou nossa percepção de ambiente de trabalho, o que aniquilou empregos.

“As empresas descobriram

Queda no nível de ocupação por raça e gênero

Proporcionalmente, pretos, pardos e mulheres sentiram mais a queda no emprego do que homens e brancos durante a pandemia

No 2º trimestre, em %



Fonte: Pnad Contínua/IBGE

Nível da ocupação é o menor em 28 anos no Brasil

Proporção de pessoas ocupadas dentro da população em idade de trabalhar despencou na pandemia



Fonte: Consultoria IDados

Guedes diz haver quebra de empresas no país e chama Trump de ex-presidente

Fábio Pupo

BRASÍLIA O ministro Paulo Guedes (Economia) defendeu nesta segunda-feira (23) que sejam aprovadas até o fim do ano propostas de consenso entre Executivo e Legislativo, citando como exemplo o texto da nova lei de falências. Segundo ele, o país está no meio de uma “quebra de empresas”.

“Daqui até o fim do ano vamos aprovar uma pauta comum, em que haja acordo na Câmara, no Senado e no Executivo. Boa candidata a isso é a lei de falências. Está no meio de uma quebra de empresas. Vamos aprovar rápido uma lei de falências porque isso protege os empregos, as empresas se levantam rapidamente”, afirmou em evento virtual promovido pela ICC (International Chamber of Commerce) Brasil.

Guedes citou em sua fala o presidente dos EUA, Donald Trump, e o mencionou como um ex-ocupante do cargo (Trump perdeu as eleições neste ano e encerra o mandato daqui a dois meses, aproximadamente). “O ex-presidente do EUA, o Trump, teve duas, três falências. Lá, o empresário falha, levanta e gera emprego de novo. Acontece”, disse.

O presidente Jair Bolsonaro completou nesta segunda-feira 16 dias sem reconhecer a vitória de Joe Biden nas eleições presidenciais dos EUA. O chefe do Executivo brasilei-

ro é aliado de Trump e ainda não procurou o vencedor da disputa nem comentou a vitória do Partido Democrata.

“Um empreendedor reúne fator de produção, banca risco, bota dinheiro, de repente capotou. Não quer dizer que está condenado pela sociedade. Tem que ter capacidade de se reerguer e continuar criando empregos, gerando renda”, disse Guedes.

A proposta da lei de falências foi aprovada em agosto na Câmara. Entre as alterações, estão as possibilidades de financiamento na fase de recuperação judicial, de ampliação do parcelamento das dívidas tributárias federais e de apresentação do plano de recuperação pelos credores. Agora, cabe ao Senado analisar o texto.

Guedes citou outros exemplos de projetos da agenda econômica em análise pelo Senado como alvos de consenso, como a liberalização do mercado de gás natural. Em sua visão, haverá a partir disso um choque de energia barata com menores custos para a indústria. Uma consequência citada por ele é a possibilidade de maior valor agregado no aço.

“E vamos mandar a PEC Emergencial”, disse, se referindo à proposta de emenda à Constituição que limita gastos. O texto feito pelo Executivo já tramita no Senado há mais de um ano e é rediscutida há meses com o atual relator, senador Marcio Bittar (MDB-AC).

Ele reconheceu que a discussão fiscal precisa ser acelerada. “Já estamos atrasados. Temos que atacar o último grande foco das despesas, o descontrole, a indexação, vinculação dos recursos”, disse.

O ministro ainda cobrou o andamento de pautas na Câmara dos Deputados. “Na Câmara, temos [proposta de lei da] cabotagem, [do] Banco Central independente. Temos coisas também na Câmara que precisamos andar, né?”, disse.

Guedes ainda disse que o melhor antídoto contra a inflação é um BC independente. “Para evitar que os aumentos transitórios de preços virem aumentos permanentes e generalizados, o que a gente chama de inflação. Qual o melhor antídoto contra isso no mundo inteiro, tecnologia testada? Chama BC autônomo.”

Ministro prevê corte de 300 mil empregos em 2020

O ministro Paulo Guedes (Economia) afirmou nesta segunda-feira (23) que o ritmo de geração de empregos observado nos últimos meses deve desacelerar. Ele prevê uma perda aproximada de 300 mil vagas formais de trabalho em 2020.

Até setembro, o país registrou uma perda líquida (admissões menos demissões) de 558 mil empregos formais. Os



Paulo Guedes (Economia) Marcos Corrêa - 22.nov.20/Divulgação Presidência

saldos negativos foram registrados de março a junho, com o fechamento das atividades pelo país devido à pandemia.

De julho a setembro, no entanto, houve geração de vagas (139 mil, 244 mil e 313 mil, respectivamente).

“O Brasil criou empregos. Eu nem acredito que vá continuar nesse ritmo tão acelerado. É provável que dê uma desacelerada”, afirmou Gue-

des em seminário virtual promovido pela Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro).

Apesar disso, Guedes disse que a perda de empregos neste ano representará cerca de 20% do resultado negativo observado em 2015 e 2016.

“Nós possivelmente vamos chegar ao fim deste ano perdendo 300 mil empregos.”

Em 2015 e 2016, houve per-

da de 1,5 milhão e 1,3 milhão de empregos com a crise econômica vivida pelo país, respectivamente.

A pouco mais de um mês para o fim do ano, Guedes defendeu calma na observação dos números da Covid-19 para analisar se o coronavírus está voltando em uma nova onda, o que poderia ter como consequência o fechamento de atividades.

“Alguns dizem que a doença está voltando. Espera aí. Agora parece que está havendo um repique, mas vamos observar”, disse.

“Os dados são que a doença desceu substancialmente e a economia se recuperou extraordinariamente bem. Brasil e China foram as economias que se recuperaram com mais velocidade. Vamos continuar recuperando empregos daqui até o fim do ano”, disse.

Para o ministro, estaria contribuindo com a indústria nacional o patamar atual do câmbio. “O juro bem mais baixo e o câmbio lá em cima. Isso está estimulando as exportações, protegendo os mercados locais contra exportações externas no meio dessa crise.”

Guedes disse que o principal desafio do ano que vem será transformar o que chamou de “recuperação cíclica baseada em consumo” em uma retomada sustentável baseada em investimentos para ampliação da capacidade produtiva e aumento da produtividade e salário dos trabalhadores.

Para isso, diz, serão necessárias as reformas como a PEC (proposta de emenda à Constituição) do Pacto Federativo, que limita despesas, e outras como a reforma tributária.

que não precisam de espaços físicos e podem controlar as operações remotamente.”

Ele citou o exemplo de bancos e algumas instituições financeiras que planejam fechar agências em 2021, o que vai reduzir milhares de empregos. Essa percepção também favorece os empregados mais qualificados.

“O trabalho remoto exige pessoas que tenham capacidade de trabalhar sem supervisão presencial, e normalmente pessoas com esse perfil são mais qualificadas.”

Nogami diz que o problema pode se agravar no futuro, pois entende que o país pouco investiu em educação nas últimas décadas. “Vamos chegar a desempregos relativamente altos.”

O professor disse que uma solução seria investir desde agora em educação fundamental, especialmente em novas tecnologias, para que a mão de obra possa estar qualificada já na próxima geração.

Ottoni apontou que o país tende a esboçar uma recuperação nos próximos meses, com a abertura gradual da economia e mais pessoas procurando emprego, mas ainda deve demorar para o país atingir o patamar pré-pandemia.

“Perdemos muitos empregos e não temos projeção de crescimento intenso para o ano que vem”, disse. A expectativa é de crescimento de 3,34% em 2021, segundo o mais recente boletim Focus, com queda esperada de 4,81% neste ano.